

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Silvana Matos Rocha

FAMÍLIA, RELIGIÃO, GÊNERO: PAIS EVANGÉLICOS COM FILHOS GAYS

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientadora: Prof. Dra. Natália Morais Gaspar -
Co-Orientadora: Prof. Dra. Célia da Graça Arribas

Juiz de Fora

2016

FAMÍLIA, RELIGIÃO, GÊNERO: PAIS EVANGÉLICOS COM FILHOS GAYS

FAMILY, RELIGION, GENDER: EVANGELICAL PARENTS WITH GAY CHILDREN

Silvana Matos Rocha¹

RESUMO

O trabalho coloca questões a respeito da interseção entre o universo religioso pentecostal e neopentecostal no Brasil e o universo *gay*. Primeiramente, apresenta-se uma revisão bibliográfica sobre família, gênero e religião sob o ponto de vista da antropologia e da sociologia. Depois, investiga-se quais são os possíveis conflitos e suas consequências, tanto para os pais evangélicos, quanto para os filhos *gays* no convívio familiar, social e religioso. Com isso, busca-se entender os valores que permeiam estes dois universos complexos. E contribuir para estudos que analisam relações familiares, religiosas e de gênero. E como concretamente estas relações se dão, como, por exemplo, no momento da revelação dos filhos quanto à sua orientação sexual para os pais. Em seguida, são analisados trechos de matérias publicadas no periódico *CH – Cristianismo Hoje*, destinado ao público evangélico, à luz da bibliografia, procurando mostrar as relações entre pais evangélicos e filhos *gays*.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Homossexualidade. Religião. Pentecostalismo. Família.

ABSTRACT

The work raises questions about the intersection between the Pentecostal and neo-Pentecostal religious universe in Brazil and the gay scene. First, we present a literature review on family, gender and religion from the point of view of anthropology and sociology. Then it investigates what are the possible conflict and its consequences, both for the evangelical parents, and for gay children in family life, social and religious. With this, we seek to understand the values that permeate these two complex worlds. And contribute to studies examining family relationships, religious, and gender. How congeal these relationships are, for example, at the time of the revelation of the children about their sexual orientation to their parents. Then, materials are analyzed excerpts published in the journal CH - Christianity Today, for the evangelical public, in the light of literature, trying to show the relationship between evangelical parents and gay children.

KEYWORDS: Genre. Homosexuality. Religion. Pentecostalism. Family.

1. INTRODUÇÃO

Meu interesse por essa pesquisa está ligado à minha vivência no meio *gay*. Tenho dois filhos *gays* e sou muito presente no meio em que eles vivem. Meu filho mais velho produz, há cinco anos, uma festa *gay* que se tornou muito famosa na cidade de Juiz de Fora (MG). Com isso, neste período, tenho frequentado a vida noturna da cidade em ambientes onde circulam pessoas de todas as categorias de gênero, sendo que a comunidade *LGBTT* (Lésbica, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) é mais

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: silmrocha@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof. Dra. Natália Morais Gaspar e Co-Orientadora: Prof. Dra. Célia da Graça Arribas.

presente. A vivência pessoal neste universo e as dificuldades enfrentadas no processo de educação dos meus filhos levaram-me ao interesse por conhecer melhor e estudar diversos temas: feminismo, machismo, homossexualidade, heterossexualidade, liberdade de expressão, verdadeiro amor, preconceitos, etc.

Outro ponto importante que me chamou bastante atenção foi minha presença nas festas do meu filho. Os meninos e meninas homossexuais chegavam até a mim e diziam que queriam ter uma mãe como eu. Recentemente, um rapaz me perguntou se eu poderia conversar com a mãe dele para fazê-la “abrir a cabeça” e entender o universo dele. Relatadas por eles, existem queixas de maus tratos, desde as mais simples - serem expulsos de casa, o silêncio, a falta de carinho, falta de proteção, perda de mesada, de carro, ou seja, privilégios que gozavam antes da revelação aos pais sobre sua orientação sexual - até chegar ao extremo, o suicídio. Há também muitos casos de jovens que não têm coragem de contar aos pais por medo de perder tais privilégios.

Diante de tudo isso, a vontade de ajudar esses meninos e meninas me impulsionou a explorar esse tema. Soma-se a esta curiosidade o fato que observei, no meu ambiente universitário, muitos estudantes e até mesmo professores lidavam com certa estranheza, quando eu dizia “o namorado do meu filho” ou “o marido do meu irmão”. Algumas pessoas se afastaram de mim. Isso reforçou ainda mais o que busco pesquisar. Sobre como a religião e os gays se interagem, pois os meninos e meninas que circulam dentro do meu universo têm, em sua maioria, pais protestantes. Considero como ponto de interseção entre mim e os pais evangélicos o fato de possuímos filhos com a mesma orientação homossexual. Desse modo, o objetivo deste trabalho é investigar a influência da adesão dos pais a religiões evangélicas sobre a maneira pela qual lidam com a orientação sexual dos filhos. A hipótese é que esta afiliação religiosa torna mais difícil o relacionamento harmônico entre pais com seus filhos de orientação homossexual.

Utilizei como objeto de pesquisa a revista *CH -Cristianismo Hoje*², que publica matérias sobre família, religião e gênero, direcionada especificamente às correntes cristãs protestantes - pentecostais e neopentecostais.

As pesquisas teóricas realizadas a respeito de temas como família, gênero e religião serviram de embasamento para um possível aprofundamento científico. Sendo assim, busca-se responder as questões: qual o tipo de consequência e interferência existe nesse conjunto de circunstâncias à volta dessa situação de pais evangélicos e filhos gays; como pais e filhos lidam com valores religiosos contrários à homossexualidade e a orientação homossexual dos filhos? Quais são as consequências sofridas por ambos?

1. FAMÍLIA

No texto “A Família”, de 1976, o antropólogo francês Lévi-Strauss trata do casamento com a abordagem estruturalista, como um sistema de comunicação entre grupos. Ele defende que a antropologia aborda esse tema fazendo análise comparativa entre as tribos, não se concentrando em um conceito de reprodução biológica. A antropologia pensa a família como tendo origem cultural, construída a partir da proibição do incesto, unida por laços consanguíneos e por afinidade e estabelecida pela divisão sexual do trabalho.

2. GÊNERO

Marylin Strathern, mais recentemente, entende que padrões de relações são passíveis de contraposição nas análises comparativas através da separação das primeiras correlações, como se de alguma forma se apresentassem entre várias sociedades, mas não serem geradas por elas mesmas. O problema que a autora atribui às análises comparativas é o distanciamento em relação à sociedade, que foi tomada como exemplo etnográfico em algum estudo mais importante, e que passou a servir como eixo de comparação para todos os outros estudos.

Como se a correlação das práticas intersexuais apresentada por aquele exemplo paradigmático se encontrasse entre ou através de várias sociedades, ao invés de ter sido gerada por uma delas. Isso posto, Strathern pretende sim estender as conclusões fruto do seu estudo sobre os Hagen, povos vizinhos da

² -CH- Cristianismo Hoje - Ed: MSimas Editora Ltda .São seis edições por ano. Bimestral, circulando durante 60 dias para cada edição. Tiragem: 25.000 exemplares. Páginas: 64 de miolo. Formato: 20,5 X 27,5cm. Preço: R\$ 12,90.

Melanésia. Mas a pressuposição dessa semelhança está baseada na contiguidade histórica e espacial entre as sociedades e culturas da região (e não na pressuposição de que os Hagen seriam um modelo de um “princípio” ou “estrutura” das práticas intersexuais). As práticas intersexuais na Melanésia se baseiam em dicotomias e estruturas conceituais que estão no pensamento do antropólogo – como a oposição entre cultura e natureza, ou a oposição entre sociedade e indivíduo, mas não, necessariamente, no pensamento dos povos estudados.

A autora cita que, até duas décadas atrás, o termo “gênero” era usado somente como uma classificação gramatical. No início da década de 1970, o termo surgiu com um conteúdo aprofundado. Mas a inexistência do termo não impediu, que estudos antropológicos feitos na Melanésia sobre as relações masculino-femininas já viessem contribuindo com o tema.

Ela afirma que o gênero adentrou todos os estudos sobre as sociedades das Terras Altas. Através da suposição de que a estrutura social se baseava em grupos masculinos, que enfrentavam problemas de coesão atrelada à definição de grupo, e esta aos sentimentos de solidariedade entre os membros, e que as coisas relacionadas às mulheres ameaçavam a solidariedade masculina, considerado para os homens como um problema.

Strathern aponta o conceito de antagonismo sexual na Papua Nova Guiné, sobre três efeitos: permitiu que observadores se fixassem em um sentido de padrão cultural; cobriu metaforicamente um vínculo de sensações individuais e comportamento social; integrou e contribuiu para um debate a respeito de quanto sexo e gênero são interpretados como normas dadas. Mas sejam quais forem as evoluções a esse respeito que tenham ocorrido, nos comportamentos sexuais, o conceito paralelo de experiência, que é o modelo do antagonismo sexual, ainda amarra certas percepções de gênero. E esse modelo ainda persiste e promove uma abordagem, que não consegue ultrapassar seus limites no que diz respeito a gênero e coloca o problema da identidade individual em primeiro plano.

A autora afirma que, quando o pensamento antropológico caracteriza as relações intersexuais como antagonicas, está colocando o problema da identidade individual em primeiro plano. A suposição é a de que a criação da masculinidade é antes de tudo conceituada pelos atores como uma questão de aquisição de papéis sexuais. Diante disso, por razões antropológicas ou feministas, não deve-se acreditar que os cultos masculinos nas Terras Altas, existam para a “construção de homens”. Essa foi a interpretação dos antropólogos a respeito desses cultos, que não, necessariamente, corresponde à interpretação nativa dos mesmos.

Strathern demonstra como a teoria da identidade unitária de gênero tem um viés ocidental. Somos nós, ocidentais, que consideramos o gênero como uma questão de integração da pessoa com o ego, e assim realizamos a fusão entre gênero e identidade. Antes, portanto, de uma teoria da identidade unitária de gênero, precisamos discutir nossa teoria de uma identidade unitária.

4. RELIGIÃO

Émile Durkheim ao analisar e tentar explicar a religião, partiu do estudo de um sistema religioso simples e primitivo - o totemismo australiano³ - e identificou duas condições que permitem a análise sociológica de tal sistema: em sociedades de organização simples e não composta de elemento existente em religião anterior. Isso porque seria impossível, em uma sociedade mais complexa, identificar certos elementos orgânicos, devido à multiplicidade religiosa.

Durkheim, em *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, ao analisar a religião, afirma que: “os primeiros sistemas de representação que o homem produziu no mundo e de si próprio são de origem religiosa”. (Durkheim, 1996, p. XV) Ele afirma que “não existem religiões falsas” (Durkheim, 1996, p. VII) – o que significa dizer que, cada uma delas cumpre sua função social na organização das sociedades. Com isso, ela contribui para que o ser humano se enriqueça espiritualmente, tenha conhecimento de mundo. Segundo o sociólogo, antes do surgimento das ciências, a religião também influenciou os comportamentos sociais, que os filósofos chamam de categorias de entendimento do homem sobre o mundo: nas noções de tempo

³ Durkheim identificou o “totemismo australiano” como a religião mais primitiva das que podem atualmente ser observadas e até mesmo, muito provavelmente, de todas que existiram. (Durkheim, 1996, pág. 165).

- através do calendário cristão, que inclusive é o que obedecemos nos dias atuais, independente de nossas crenças; nas noções de espaço – não há diferença entre o papel que desempenham na vida intelectual; nas noções de gênero - definição de papéis e funções das pessoas de acordo com seu sexo; nas noções dos números - que calculamos e como contamos; nas noções de causa - responde questões existências de causa e efeito. Todas essas categorias de entendimento persistem até os dias de hoje. O autor aponta que o ser humano tem um certo número de noções de julgamento, que dominam sua vida intelectual. Considerando desde Aristóteles, essas categorias como noções de espaço, de gênero, de número, de personalidade são consideradas propriedades universais de todas as coisas. Ele analisa as questões religiosas primitivas, metodicamente, que são encontradas tais categorias e que “elas nasceram da religião e na religião, são um produto do pensamento religioso”. (Durkheim, 1996, p. XVI). O sociólogo considera que as representações religiosas são representações coletivas; os ritos são comportamentos que surgem no interior de cada grupo e que mantêm vivas as crenças e práticas religiosas dentro dos grupos. Sendo assim, se as categorias são de origem religiosa, elas são comuns a todos os fatos religiosos, produtos de pensamentos coletivos e ricas em elementos sociais.

5. ANÁLISE DO MATERIAL

A revista *CH- Cristianismo Hoje* usada como objeto de pesquisa tem por finalidade informar aos fiéis protestantes, pentecostais e neopentecostais sobre assuntos doutrinários religiosos, bem como relacioná-los com temas da atualidade. Tais informações dispostas nos exemplares bimestrais também representam um papel importante, que podem influenciar no comportamento e direcionamento na vida diária dos leitores adeptos ou não do cristianismo.

5.1 – Amor X Sexo

A revista *CH – Cristianismo Hoje* publicou como matéria de capa “HETEROFOBIA – A pressão da militância gay sobre os cristãos”, da qual cabe destacar:

“O argumento do amor busca sustentar e legitimar toda e qualquer forma de relacionamento, inclusive as relações sexuais que aconteceram fora dos propósitos da criação, bastando para isso dizer que aquelas pessoas se amam. Por exemplo, muitos perguntam: pessoas do mesmo sexo não podem se amar? O Cristianismo responderia que sim; que não só podem, como devem. O problema é que usam a expressão “amar” como sinônimo de sexo. Amor e sexo não são a mesma coisa. Deus jamais proibiu alguém, quem quer que seja, de amar. Muito pelo contrário. No entanto, o ato sexual tem limites impostos pelo próprio Senhor. Desde o início, o testamento bíblico se opôs deliberadamente às pretensões de seu ambiente cultural, afirmando que, na criação, Deus designou o homem e a mulher para uma identidade específica nos termos de uma aliança.” (Fevereiro/Março, 2015, p. 34).

O sentido do termo “amor”, na visão do pastor Ricardo Barbosa de Souza – Igreja Presbiteriana do Planalto em Brasília – que pretende passar aos cristãos, aparece como distinto do “sexo”. Com esta diferenciação, separado do sexo, o “amor” comunga com as concepções religiosas protestantes. Com este sentido, duas pessoas, não importando o sexo, podem se amar, contudo, não podem manter relações sexuais.

A distinção entre sexo e amor é utilizada no texto da revista cristã para valorar negativamente os relacionamentos sexuais homo afetivos. Weber demonstra como essa distinção faz parte da construção do cristianismo. A concepção de “amor” atrelada a valores cristãos fraternais difere daquela considerada por Weber como “maior força irracional da vida: o amor sexual”.⁴

⁴ A Esfera Erótica- Max Weber - Extraído de “Rejeições Religiosas do Mundo e Suas Direções” in: TRAGTENBERG, Maurício (org.). Textos Selecionados / Max Weber. São Paulo, Abril Cultural, 1997. pp. 275-281. Disponível em goo.gl/4dfWZH. Visitado em 30/11/15.

Portanto, “Quanto mais sublimada é a sexualidade, quanto mais baseada em princípio, e coerente, é a ética de salvação da fraternidade, tanto mais aguda a tensão entre o sexo e a religião” (Tragtenberg, 2015). Essa fraternidade do amor religioso que separa amor de sexo embasando-se no testamento bíblico, não é apontada pelo autor da matéria de capa da revista, na escritura religiosa, ou seja, ele não cita a parte da Bíblia, na qual se baseiam suas afirmações, e nem como tal separação se constrói, especificamente, no fragmento da revista. Max Weber entende que “tudo isso está, decerto, longe do fato de que o caráter apaixonado do erotismo, como tal, parece à religião da fraternidade uma perda indigna do autocontrole e da orientação no sentido da racionalidade e sabedoria das normas desejadas por Deus ou da ‘posse mística’ da santidade”. (Tragtenberg, 2015)

Durkheim analisou uma sociedade na qual todos os indivíduos eram adeptos da mesma religião – o totemismo. Nas sociedades simples, certos elementos seriam mais facilmente identificados. Nas sociedades complexas, há inúmeras religiões, onde diferentes grupos aderem a diferentes religiões, valores, ideologias. Há religiões e outros sistemas ideológicos concorrendo sobre a prerrogativa de proferir discursos que explicam e organizam o mundo e como movem as pessoas através do divino.

Patrícia Birman, em pesquisa sobre o neopentecostalismo no Brasil, década de 1990, esclarece que, aliados a novos acontecimentos, surgem também novos personagens comprometidos com a Igreja Universal do Reino de Deus, com uma significativa presença de mulheres, causando um desequilíbrio com relação aos homens. A mulher atua como figura de mediação, ou seja, desempenha papel de mediadora com os crentes e não crentes, vindos ou não de outras religiões, no interior da própria família. Na Igreja Universal do Reino de Deus, pesquisada por Birman, as compatibilidades entre comportamentos e os valores morais religiosos estão relacionadas à concepção religiosa específica a respeito do Mal, que envolve a noção de pessoa. Fica implícito nesse momento na ideia apontada pela autora que a orientação sexual poderia ser tratada como um problema (e não algo normal) relacionados à presença nos corpos das pessoas, diabos e entidades do mal que circulam por famílias evangélicas. De fato, a ideia do *Mal* é que esse provém de seres considerados diabólicos, que são capazes de habitar o corpo da pessoa e dessa forma provocar uma desordem infinita em todos os seus domínios. Os diabos são identificados com os seres pertencentes ao panteão dos cultos afro-brasileiros. Santos, entidades, espíritos e orixás pertencem a uma esfera considerada maligna, cujas fronteiras são dadas pelos cultos de possessão. A apropriação do panteão afro-brasileiro, como expressão maior das forças malignas contrárias ao *Bem*, tem efeitos importantes não somente, sob o ponto de vista da cosmologia, como também aplica-se às atividades religiosas desenvolvidas através dessa expressão neopentecostal. Portanto, é uma designação dada num culto e reconhecida como pertinente em um outro. Nos cultos de possessão, o que predomina é o reconhecimento de que cada pessoa possui certas entidades advindas da esfera sobrenatural, ou seja, das atividades de mediação realizadas nos terreiros de religiões afro-brasileiras. A entrada para o pentecostalismo vai atribuir um novo sentido à possessão, tendo como objetivo maior afastar o *Mal*. Esse caráter particular passa a ser visto como diabólico, transitando entre um indivíduo e outro com grande poder de circulação, isto é, passando da mãe para os filhos, saindo e entrando uns dentro dos outros. Geralmente, é através da mulher que o diabo entra na família. Diante dessa afirmação da autora, pode-se inferir que cabe também à mãe “resolver” a questão da orientação sexual de seus filhos dentro do contexto familiar evangélico. E as consequências desse quadro, normalmente, acarretam problemas de ordem social e psicológica, que refletem nos filhos, como também nos pais. Os filhos sentem-se culpados por “cometer pecado”, tornam-se deprimidos, revoltados, com baixa autoestima, sentem-se marginalizados e propensos suicidas. Nos pais surgem também, o sentimento de culpa, não entendem em que momento da educação dos filhos cometeram erros, com isso surge o medo da situação se tornar pública, diante da sociedade e da comunidade religiosa que frequentam. Portanto, os pais não pensam somente na falha da educação, temem e envergonham-se da repercussão de uma possível desconstrução da própria imagem perante a família, com tendências egoísticas. Esquivam-se de uma possível aceitação, criando expectativas ilusórias de “cura” da homossexualidade através do Divino. Esquecendo-se do amor incondicional que, comumente, permeia uma relação entre pais e filhos.

5.2 – Família, papéis sociais e valores cristãos

Em outra matéria da CH – Cristianismo Hoje (outubro/novembro 2012), figura a seguinte chamada de capa: “Pais e Filhos – Como melhorar esse relacionamento tão delicado - O que mudou na educação nos últimos anos - Os novos desafios à família de hoje - As lições de quem alcançou o equilíbrio no lar”. A matéria é intitulada “Herança do Senhor – Complexo e por vezes instável, relacionamento entre cristãos e seus filhos pode melhorar com muita dedicação e exemplo de vida” (CH – Cristianismo Hoje, 2012, p. 20 a 24). A matéria cita Vinícius de Moraes, em seu *Poema enjoadinho*:

“Filhos, melhor não tê-los; mas, se não tê-los, como sabê-los?”
É que o processo vai muito além de suprir as necessidades básicas com habitação, recreação e assistência médica; passa pela formação moral, psicológica e espiritual. Falta de tempo, pressões sociais, demandas pessoais e as exigências cada vez maior da vida neste século 21, tudo parece conspirar silenciosamente para prejudicar a relação entre pais e filhos. E que não se pense que as coisas nem sempre foram assim”.
(CH – Cristianismo Hoje, 2012, p. 21)

Lévi-Strauss demonstra como é insuficiente explicar a família em termos naturais de procriação, instintos maternos e sentimentos psicológicos entre o homem e a mulher e entre pais e filhos.

Com relação à divisão sexual do trabalho, Marilyn Strathern, antropóloga contemporânea, ao estudar questões de gênero, demonstra que, na Melanésia, a relação entre mulheres e homens se baseiam na dependência de pessoas que são diferentes entre si. A produção é interpretada como o produto da relação entre pessoas diferentes. Com isso, ela explica a diferença entre mães e pais, e como podem assumir dentro do relacionamento, seja ele de qualquer formato, diferentes papéis para que haja um produto final.

Foucault dialoga na obra *Microfísica do Poder*, e responde uma questão, que possivelmente pode possibilitar uma reflexão aos pais evangélicos com filhos gays, de que modo entender a importância da sexualidade para os filhos ainda criança:

“Henri- Lévy: A criança é oprimida por aqueles que pretendem libertá-la? Foucault: Leia o livro de Schérer e Hocquenghem: ele mostra que a criança tem um regime de prazer para qual o código do “sexo” constitui uma prisão. Henri- Lévy: Um paradoxo? Foucault: Isso decorre da ideia de que a sexualidade não é fundamentalmente aquilo de que o poder tem medo; mas sim de que ela é, sem dúvida e antes de tudo, aquilo através que ele exerce.” (Foucault, 2012, p. 353)

Contudo, para os pais evangélicos existe uma difícil aceitação com relação a orientação homossexual de seus filhos. Pelas bases fundamentais que sustentam a igreja, pelo tradicionalismo, pelo conservadorismo e a boa conduta, pelos quais as famílias protestantes concordam e exercem. E fugir desses princípios seria pecar contra o poder do Supremo. O relacionamento homo afetivo abala tanto a estrutura fundamentalista da igreja, quanto as bases consuetudinárias da família. Mas no fragmento da revista, existe uma questão a destacar: a modernidade como obstáculo, as pressões sociais, aliada a evolução da sociedade, torna-se impedimento para a educação moral dos filhos?

5.3 - Cristianismo e o Modelo Cultural

Em outro fragmento da revista CH – Cristianismo Hoje (Fevereiro/Março, 2015) sob o subtítulo *Propósito Divino*, consta: “Ser cristão não torna ninguém melhor ou superior que os seus semelhantes; ser cristão significa que fomos libertos de um modelo cultural, com seus valores – ou antivalores, que aprisionam e oprimem -, e fomos atraídos por Cristo para uma nova vida e uma nova criação”. (CH – Cristianismo Hoje, 2015, p. 35).

O fragmento da matéria descreve o cristianismo como algo superior ou mais verdadeiro que outros sistemas culturais. Infere que os modelos culturais aprisionam os indivíduos. Os cristãos são o melhor modelo de liberdade que existe no mundo? Como entender o cristianismo como um modelo não cultural? Lévi-Strauss, em análise antropológica da família se debruça sobre a cultura, para justificar sua existência entre diferentes povos. Os sistemas culturais de um povo não possuem limites de capacidade para lidarem com a diversidade, com outras adesões religiosas e relações sexuais. Porque dentro da cultura de um povo estão contidos todos os princípios para a formação de uma sociedade. A cultura está na gênese da religião, dos princípios éticos, morais e seus valores, a diversidade e regras e sobre como os indivíduos devem se relacionar sexualmente.

Birman aponta que os primeiros grupos pentecostais eram considerados minoria com relevante papel social de valor moral. Apontados como pessoas exemplares, que contrastavam com regras morais consideradas reprováveis das classes populares brasileiras. De posse dessa identidade minoritária, eles chamaram atenção para estudos sociológicos, que ora criticavam, ora defendiam seus valores. Esses personagens foram alimentados pelo contraste com outro tipo de cultura existente no Brasil – a cultura da malandragem. Eles cresceram e desempenharam um relevante papel no cenário religioso e social da época. Devido à expansão das igrejas, nos anos noventa, deixaram de ser minoria.

Torna-se possível, entender através da análise de Weber sobre o surgimento do erotismo e seu caráter cultural religioso negável, na qual “O ser total do homem está, agora, alienado do ciclo orgânico da vida camponesa; a vida se tem enriquecido cada vez mais em seu conteúdo cultural, seja esse conteúdo avaliado intelectualmente, ou de forma supra-individual”. (Weber, 2015) Ele ainda afirma “a possibilidade de problemas e de tragédia tendo por base um princípio surgiu na esfera erótica, a princípio, através de algumas exigências de responsabilidade que, no Ocidente, nascem do cristianismo”. (Tragtenberg, 2015) Com isso, Max Weber não isenta o cristianismo e seus valores de um modelo não cultural. Pelo contrário, ele reforça uma certa responsabilidade quando “A aceitação do ato do matrimônio, da *copula carnalis*, como “sacramento” da Igreja Católica, é uma concessão a esse sentimento”. (Weber, 2015)

5.4 - Heterofobia x Homofobia

Na revista *CH – Cristianismo Hoje* (Fevereiro/Março, 2015 p.36) consta entrevista de capa – Heterofobia – concedida pelo advogado Uziel Santana ao jornalista Carlos Fernandes, cujo título é “Visão anticristã” com sub título – “Para juristas, o governo e movimento homossexual têm se articulado para aprovar medidas que ampliam a interpretação do que seja homofobia. O entrevistador questiona ao advogado com relação ao arquivamento do Projeto de Lei (PL) 122/06, na qual julga ser uma “famigerada lei anti-homofóbica”, arquivada pelo Senado Federal em 2015”. Diante de várias questões e respostas, destacam-se como mais importantes aqui discutidas:

“Qual o perigo? Se isso, passar vai se criar uma enorme insegurança jurídica. É ponto pacífico na academia que um tribunal não pode legislar em matéria penal. Além disso, o que a sociedade precisa entender é que o tema não afeta apenas a liberdade dos religiosos, que podem ser tolhidos de manifestar sua opinião sobre a homossexualidade de acordo com seus princípios de fé. O que vier a se tipificar como discriminação contra gays pode afetar também o trabalho e a independência de opinião de professores, pesquisadores, historiadores, jornalistas... Hoje, é o crime de homofobia. Amanhã que será tipificado? O crime de opinião?” (CH – Cristianismo Hoje, Fev/Mar, p.38)

Essa citação aplica-se como justificativa no que diz respeito às leis, que permeiam a pesquisa, mas não será analisando teoricamente, pois não é esse o foco. Serve como uma prévia para esclarecer a próxima questão feita pelo entrevistador.

“O senhor acha que a chamada heterofobia está crescendo? O movimento gay já ganhou cultura. Na época da II Guerra

Mundial, a Alemanha nazista criou o termo *Jüdische Schuld*, para culpar os judeus por tudo. Existe no país, hoje uma noção de que tudo é culpa dos cristãos. E isso não é só por conta do movimento gay, claro. Existem outros inimigos aí – o secularismo, o feminismo, o laicismo entendido como a ausência total de religião. Juridicamente, a família brasileira, do ponto de vista como a conhecemos, já foi desconstruída com a possibilidade do divórcio instantâneo, o casamento entre pessoas do mesmo sexo e a adoção de crianças por casais gays. Agora, o foco está nas crianças e nos adolescentes, predispondo-os ao comportamento gay. Como Jurista cristão, entendo que todas as pessoas devem ter direitos e liberdades individuais na opção sexual. Isso está dentro do espectro da liberdade constitucional, assim como a questão dos direitos patrimoniais. O problema é que, no Brasil, a militância homossexual quer ir além. Em nenhum lugar do mundo, o movimento LGBT tentou fazer algo parecido. A ênfase dos projetos de lei é mais na possibilidade de prisão do que na educação da sociedade. A equação tem de ser bem feita. De um lado, a gente não pode impor a nossa moral cristã a ninguém; por outro lado, não podemos aceitar que a nossa liberdade religiosa e de expressão venha a ser atacada por qualquer que seja a militância, minoria ou maioria”. (CH – *Cristianismo Hoje*, Fev/Mar, p.38)

O advogado em resposta argumenta que a liberdade de expressar dos evangélicos está ameaçada pelo movimento gay, pelas militâncias feministas e pelo secularismo, sistema esse que defende a separação entre igreja ou religião e Estado ou a política. Ele compara o movimento gay ao holocausto, vitimizando os cristãos. Uziel Santana entende que a família foi destruída, por culpa da mudança de cenário, moderno, evolutivo, social e judicial. É possível questionar sua afirmação: o movimento gay ganhou cultura? Marilyn Strathern entende que, então existem vazios. Qual é a natureza das relações? Se a relação entre homens e mulheres é concebida como um contraste, qual é a questão do contraste? Que forma de poder é focalizada pelas exclusões e oposições? Enfim, o modelo de papéis sexuais tem sido usados de modo, excessivamente, axiomático (tomado como pressuposto, como ponto de partida, sem questionamento) nas análises antropológicas da iniciação e do antagonismo homem-mulher nas Terras Altas. Isso se baseia na pressuposição de que a identidade consiste na posse de atributos qualificadores, no fato de um indivíduo “ter” as características que o tornam masculino, de maneira não ambígua.

Michel Foucault, quando se refere à sua obra *A Vontade de Saber* teve a intenção de pesquisar sobre comportamentos sexuais sob uma perspectiva mais refinada. Ele problematiza dizendo que uma sociedade não tem que enxergar a sexualidade somente como algo reprodutivo, da família, do indivíduo. Que ela a veja também como algo que dê prazer e gozo. Que o lugar privilegiado onde se encontra nossa “verdade” profunda, é lida e dita. Ele diz que, a partir do cristianismo, o ocidente tomou para si a máxima “Para saber quem és, conheças teu sexo”. (Foucault, 2012 p.344) O autor coloca, ainda quanto à sexualidade, que existe uma grande vontade de saber onde o poder sobre o sexo se concentra. Ele diz “não quero fazer a sociologia histórica de uma proibição, mas a história política de uma produção de “verdade”. (*Idem*, 2012, p.346)

Os cristãos protestantes querem o poder de continuar afirmando que a homossexualidade é errada. Querem o poder de definir quem pode se casar com quem. Porém, as consequências disso para o modo como os pais evangélicos lidam com seus filhos gays são o reflexo de uma sociedade sem educação de valores políticos e sem educação de valores culturais.

6. Considerações Finais

Concluindo, penso que as religiões pentecostais e neopentecostais no Brasil, como algumas das principais instituições reguladoras responsáveis pelo comportamento de determinados grupos na nossa sociedade, pretendem definir e ditar o que “é coisa de mulher” e o que “é coisa de homem”, limitando

pessoas a estas duas categorias. Dessa forma, incentivam o machismo e negam os novos formatos que a família brasileira vem assumindo na modernidade e na evolução histórica brasileira. Acredito, também, que estas religiões impõem e valorizam uniões heteronormativas, pois realizam, em suas igrejas ou templos, casamentos somente entre homem e mulher. Segundo seus sacerdotes, cujo discurso foi analisado neste trabalho a partir de suas colocações em uma revista religiosa de grande distribuição, cultuam este tipo de relações alegando estarem estas baseadas nas escrituras bíblicas, no que é divino, ditadas por uma entidade maior e universal, Deus. Desse modo, os adeptos desta religião colocam-se como os únicos detentores da verdade, enquanto todos os demais modelos comportamentais ou morais são considerados, de certa forma, inferiores – como modelos culturais.

Este posicionamento tanto contraria os resultados de todos os principais estudos antropológicos e sociológicos sobre gênero ou relações masculino-femininas, como também tornam mais difíceis as relações entre diferentes grupos na sociedade e contraria os princípios do respeito à diversidade. No que tange particularmente às relações entre pais evangélicos e filhos *gays*, o radicalismo e o autoritarismo de determinadas religiões cristãs trazem sofrimento, culpa e desarmonia a estas famílias. Reitero minha crença, na qual Lévi-Strauss acredita que família existe como parte da cultura e da sociedade. E, sob a luz do entendimento de Marilyn Strathern, acredito que é necessário rediscutir as relações masculino-feminino, as relações familiares e a própria noção de identidade individual no ocidente. Com tudo isso, penso que os indivíduos evangélicos utilizam os preceitos religiosos para impor regras morais e de conduta à sociedade brasileira.

De acordo com minha vivência no universo *gay*, falar sobre homossexualidade em família começou a partir do momento em que meus filhos e irmão se libertaram e me permitiram falar sobre o assunto. Neste momento, nasce minha liberdade de expressar e lutar por essa causa, até então considerada para mim complexa. Hoje, minha presença nas festas aqui citadas já sugere meu posicionamento político, social e familiar perante a sociedade e a comunidade acadêmica. Da minha parte, existe um interesse em relação à causa *gay*, que se estende a outras formas de discriminação: o preconceito racial, o machismo e outros.

Diante disso, percebi um fato, ao frequentar sem interrupções a festa de meu filho mais velho. A festa começou em uma casa noturna *LGBTTT* simples e, com o passar dos anos, migrou para locais onde acontecem festas heterossexuais, considerados elitizados. Deixo em aberto questões para futuras análises: porque essa festa que se originou de um ambiente homossexual migrou para um ambiente heterossexual e continuou e permaneceu com público *gay*? Essa migração pode ser um fenômeno social?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, /Gisele. "Herança do Senhor". /In: **CH-Cristianismo Hoje**. /SIMAS, Marcos. MTB:35185. /São Paulo. / ed. 31. /Ano 6 / p. 20-26. / Out/Nov.2012.

BIRMAN, /Patrícia. "Mediação Feminina e Identidades Pentecostais". /In: **Cadernos Pagu** (6-7) /1996: pp.201-226. /UERJ. Rio de Janeiro. Nov. 1996.

DURKHEIM, /Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. /São Paulo: E. Martins Fontes. /1996. p. V- 32.

FOUCAULT, /Michel. / Roberto Machado (Org.). **Microfísica do Poder**. /São Paulo: Ed. Graal. /2012, p. 344-363.

FERNANDES, /Carlos. "Visão de Anticristão". In: **CH-Cristianismo Hoje**. SIMAS, /Marcos. MTB:35185. São Paulo. / ed. 45. /Ano 8 / p. 36-38. / Fev/Mar.2015.

LÉVI-STRAUSS, /Claude. **As Estruturas Elementares de Parentesco**. Ed. / Petrópolis: / Vozes. /1982.

LOBO, /Marisa. "Direito à Mudança". In: **CH-Cristianismo Hoje**. /SIMAS, Marcos. MTB:35185. São Paulo. / ed. 28. /Ano 5 / p. 10. / Abr/Mai.2012.

REDAÇÃO. In: **CH-Cristianismo Hoje**. SIMAS, Marcos. MTB:35185. São Paulo. / ed. 24. /Ano 4 / p. 21-25. / Ago/Set.2011.

SOUSA, /Ricardo Barbosa. "Sexualidade e Redenção". In: **CH-Cristianismo Hoje**. /SIMAS, Marcos. MTB:35185. São Paulo. / ed. 45. /Ano 8 / p. 32-35. / Fev/Mar.2015.

STRATHERN, /Marylin. **O Gênero da Dádiva**. /São Paulo: UNICAMP, /2006, pp. 27-115.

TRAGTENBERG, /Maurício. /Extraído de "Rejeições Religiosas do Mundo e Suas Direções". Textos Seleccionados. WEBER, Max. São Paulo: Abril Cultural, 1997, pp. 275-281. Disponível em: <goo.gl/4dfWZH>. Revista Eletrônica. / Pittacus. /Acesso em: 02/11/2015.